



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

XIX

Discurso do Senhor Itamar Franco, Presidente da República, na 4ª reunião ministerial (Programa de Ação Imediata), no Palácio do Planalto.

Brasília, DF, 14 de junho de 1993.

Convoquei-os para, mais uma vez, examinarmos, em conjunto, algumas providências de Governo. O Ministro da Fazenda lhes exporá as medidas que tomaremos, já a partir de hoje, em busca do equilíbrio orçamentário, como passo indispensável à retomada do desenvolvimento econômico.

Como verão os senhores, não iremos ofender, com decretos e leis, a natureza da moeda, nem desrespeitar o patrimônio das pessoas e das empresas. O Governo federal continuará a cuidar de sua parte. Mas a opinião pública deve entender que vivemos em uma República Federativa, e que a nossa Constituição atribui recursos e responsabilidades também aos Estados e Municípios. De nada nos adiantará administrar com parcimônia o que nos confiar o Parlamento se os outros não fizerem o mesmo. Contamos com o patriotismo dos Governadores e Prefeitos, e estamos certos de que, ao tomar conhecimento da nossa realidade financeira, os membros do Congresso Nacional e do Poder Judiciário darão ao País e ao seu povo a indispensável contribuição de austeridade.

Temos feito boa parte do nosso trabalho. As medidas em andamento trouxeram substancial baixa dos juros, aumento da produção industrial e do nível de emprego.

Os governos costumam ser o que a sociedade quer que eles sejam. A sociedade elege os seus representantes e sobre eles exerce influências e pressões. Essas influências e pressões refletem a própria forma de ser da comunidade nacional. Muitas vezes, as parcelas mais influentes da sociedade e de suas corporações, que gozam de relativo bem-estar, quando não de excessivo bem-estar, não se dão conta dos perigos que correm, quando a renda do trabalho comum é dividida com injustiça. Restam indefesos os homens e mulheres que constituem a imensa maioria da população.

A responsabilidade é de todos nós, embora seja mais exigida dos que exercemos o Poder em nome do povo. Devemos entender o povo como o todo nacional. O Governo deve ser exercido no interesse de todos. O Governo existe para o povo, e não o povo para o Governo, assim como os bancos, as empresas industriais, a atividade agrícola e o comércio existem em função da sociedade, e não o contrário, como alguns talvez supõem.

Podem imaginar os senhores como se sentem os Chefes de Estado e de Governo, quando se confrontam com elites empresariais alienadas, sem compromisso com o povo, a Nação e a História.

Elas sempre julgam fraco o Presidente que, fiel à democracia, não usa a força em benefício dos mais fortes, mesmo que ele acerte em seus atos e na escolha de seus auxiliares.

É natural que o Chefe de Estado se mostre impaciente diante da insensibilidade dessas mesmas e presumidas elites, antigas e recentes.

Senhores Ministros,  
Senhoras e Senhores,

Há sessenta anos, a já então mais orgulhosa nação do mundo parecia agonizar. Os Estados Unidos haviam subido os primeiros degraus do século multiplicando a sua produção industrial, trazendo à vida de todos os dias o conforto proporcionado pelas descobertas e invenções, como a energia elétrica e o telefone, ampliando as universidades e decidindo, com o seu poder militar, o destino do mundo.

Houve então a catástrofe. Em poucas jornadas, os títulos das empresas caíram a ponto de não valer o papel em que eram impressos. Os bancos fecharam as suas portas e um quarto dos norte-americanos perderam o seu emprego.

Por que isso? Cinco por cento da população norte-americana detinham um terço de toda a riqueza nacional. Convém não citar os nossos números. Os senhores os conhecem. Temos todos que nos envergonhar da posição que ocupamos no que se refere à distribuição do bem-estar. E bem-estar é dignidade.

Os senhores sabem qual foi a saída. Eleito em 1932, o Presidente Franklin Roosevelt convocou o brio nacional e, mediante o audaz programa conhecido como *New Deal*, recuperou a economia, fortaleceu o país e o preparou para a nova guerra, que já se sabia inevitável. Entenderam todos o que devemos entender: é mentirosa a fortuna que se reúne na especulação financeira. Não é digno a ninguém, que se encontre em pleno vigor físico e intelectual, viver apenas da renda de capitais investidos em títulos públicos. Não são honrados os dividendos das empresas, quando resultam da aplicação das disponibilidades de caixa e não de sua atividade social.

Antes de dar a palavra a Vossas Excelências, quero mostrar-lhes algumas cenas dos Estados Unidos, filmadas naqueles anos terríveis da Grande Depressão. Muitas delas fazem parte do cotidiano nas grandes cidades brasileiras. Elas nos devem trazer o estímulo do exemplo. Bastou que a sociedade norte-americana se mobilizasse para que a nação se reerguesse, como se reergueu.

É o que faremos.

Para isso não nos faltam — aos brasileiros — inteligência, dignidade, patriotismo. Somos um povo generoso e forte, e não serão os privilégios de minorias que nos impedirão de erguer a cabeça diante do mundo.

Acabei de dizer aos estagiários da Escola Superior de Guerra que a nossa fé não é romântica, nem simples figura de retórica, mas, sim, a certeza de que, com o trabalho de todos, vamos ampliar as sendas rumo ao terceiro milênio.

Muito obrigado.